

José Sarney, entusiasmando nossos intelectuais.

Na abertura do Congresso de Escritores, ontem, no teatro Sérgio Cardoso, o discurso do presidente foi aplaudido em pé. E hoje já começam os debates.

O Congresso Brasileiro de Escritores foi aberto ontem pontualmente às 21 horas. Mas uma hora antes, o teatro Sérgio Cardoso já estava lotado de intelectuais vindos de todos os pontos do País, e ligados aos mais variados ramos da cultura nacional.

As 20h30, chegou parte da comitiva do presidente José Sarney. De um mesmo ônibus saltaram Jorge Amado e Zélia Gattai, Barbosa Lima Sobrinho e autoridades civis e militares. E meia hora depois o presidente entrava no teatro, seguido por Ulysses Guimarães, pelo governador Franco Montoro, pelos ministros Olavo Setúbal, Almir Pazzianotto, Roberto Gusmão, José Aparecido de Oliveira e João Sayad, pelos chefes das Casa Civil e Militar, pelo secretário estadual da Cultura, Jorge Cunha Lima, e pelo presidente da UBE, Fábio Lucas.

Lucas fez o primeiro discurso, dando as boas-vindas aos escritores de todos os Estados e salientando que era a primeira vez na história do País que um presidente participava de um congresso de escritores. Pediu ao presidente Sarney que fortalecesse instituições que garantissem ao escritor direitos e liberdades. E terminou afirmando que "o caminho da liberdade brasileira terá que passar pela retomada de suas liberdades culturais".

Lucas foi seguido por Jorge Cunha Lima, que fez um discurso extremamente literário, com citações a Cecília Meirelles e Drummond. Ressaltou que o escritor é o mais comprometido dos artistas, e terminou pedindo a Sarney que transformasse a Praça dos Três Poderes num espaço unicamente dedicado ao povo. O ministro da Cultura, José Aparecido de Oliveira, afirmou



Fábio Lucas: "liberdades culturais".



Entre os escritores, Jorge Amado e Zélia Gattai



Sarney: discurso e aplausos.

Temas de Sarney: incentivo à literatura, às editoras...

Aqui, trechos do discurso feito pelo presidente José Sarney na abertura do Congresso de Escritores. (Na página 11, a visita de Sarney a São Paulo).

"...O escritor brasileiro enfrenta uma multiplicidade de problemas que estão estreitamente ligados à realidade social e econômica do País. A exiguidade do público leitor, a precariedade do mercado editorial, as tiragens reduzidas, as dificuldades na comercialização e distribuição das obras, a remuneração baixa — quando não inexistente —, às limitações do ensino e da divulgação da literatura no Brasil e tantas outras vicissitudes formam, sem dúvida, um panorama que põe à prova a vocação literária e a própria sobrevivência do ofício do escritor entre nós.

"Essas dificuldades se acentuam com o privilégio concedido ao desenvolvimento econômico por uma sociedade que depende tão amplamente do seu desenvolvimento

cultural e educacional para alcançar suas grandes metas de progresso material e aperfeiçoamento social e espiritual.

"Nosso país é jovem, ainda está em formação, à procura de sua identidade. A cultura desempenha um papel primordial nesse processo. Ela é, ao mesmo tempo, um objetivo e um instrumento do projeto nacional brasileiro. Cabe-nos, portanto, a tarefa cada vez mais premente de adequar as metas do nosso desenvolvimento econômico aos rumos e ao papel decisivos que a educação e a cultura devem assumir neste país. Nenhum país é forte, é coeso, é generoso, se seus valores espirituais são postergados.

"A literatura brasileira e aos seus escritores está reservado um lugar de realce nesse desafio. Para ocupá-lo plenamente, porém, é preciso que encontrem terreno fértil.

"Necessita nossa literatura do incentivo de toda a sociedade. São imprescindíveis medidas concretas,

que incluem a criação de facilidades, subsídios e incentivos fiscais para a abertura de livrarias e bibliotecas e para a ampliação do mercado livreiro em nosso país, mediante a criação de novos pontos de distribuição e de divulgação da nossa literatura. É fundamental o fortalecimento da indústria editorial, de que tanto depende o desenvolvimento material e espiritual do País, por meio de abertura de crédito prioritário e barato para as editoras, algumas das quais formam já parte do patrimônio da Nação. Uma política adequada de direitos autorais e de proteção e promoção do talento literário brasileiro deve ser posta em prática por toda a sociedade. O País precisa desenvolver a consciência de que a sua cultura e, portanto, as suas letras — são um grande patrimônio nacional, a ser cuidadosamente promovido em nome dos interesses maiores da Nação brasileira.

"(...) A restauração da democracia em nosso país, neste momento,

irmã os intelectuais com a classe política, tal como ocorreu em 1945. E obra dos professores e dos estudantes, dos escritores e dos jornalistas, dos trabalhadores e dos homens de empresa, dos artistas e dos artesãos, do homem do campo e do homem da cidade, em suma: de todos aqueles que acolheram ao nosso chamado, selando com seus aplausos o novo compromisso do Brasil — o compromisso do desenvolvimento; da ordem e da paz social e, acima de todos; o compromisso da liberdade, liberdade que importa na abolição de qualquer censura à inteligência.

"Não me limito a vos dizer que este Congresso se identifica com o Congresso de 1945. Quero reconhecer que ele corresponde a uma nova expressão de nossa consciência política, em tudo quanto assegure a continuidade deste país como nação democrática. Trago-lhes, como escritor, a minha solidariedade de colega interessado pelos complexos problemas da classe."

que mais uma vez os escritores estavam na vanguarda da cultura, como há 40 anos.

O governador Montoro falou de improviso e foi muito aplaudido. Disse que, se o Congresso de 1945 marcava o fim do Estado Novo, este marcava o nascimento da Nova República. E, citando Theillard de Chardin, afirmou que "aos artistas, escritores, cabe abrir os caminhos e preparar as grandes transformações".

O presidente Sarney terminou os discursos levantando os que estavam no plenário ao afirmar que assumia todos os compromissos de Tancredo Neves. E foi muito aplaudido na segunda parte de seu discurso, ao demonstrar que conhece muito bem os problemas de escritores, editores e livreiros do País.

No palco, atrás da mesa dos discursantes, apenas uma cortina com as cores do Brasil. Na plateia lotada, a multidão variou os trajes entre a Lacoste e o terno escuro, o jeans e o paetê. Nos rostos havia entusiasmo. Para Lygia Fagundes Telles, o Congresso significava que "o escritor está unido para a cimentação da democracia". Para Nélida Pinõn, o melhor dos congressos está nas "idéias que levamos conosco para casa". Para Márcio Souza a expectativa era "de soluções práticas para o escritor". O clima geral era de congraçamento e esperança. Tudo muito pontual, muito digno e muito alentador.

Os debates do Congresso começam hoje. As 9 horas, Fábio Lucas abrirá a plenária com um discurso sobre os estatutos e finalidades do Congresso. Em seguida, será debatido o tema **O Escritor e o Estado**. À tarde, a partir das 14 horas, o tema será **O Escritor e a Indústria Cultural**.

Cesar Giobbi